

## Máquina Catóptrica

*Se numa Noite de Inverno um Viajante*. Italo Calvino. Tradução de José Colaço Barreiros. Teorema (pg 192-193)

“Desde que, ainda adolescente, reparei que a contemplação dos jardins esmaltados que redemoinham no fundo de um poço de espelhos exaltava a minha propensão para as decisões práticas e as previsões arriscadas, comecei a coleccionar caleidoscópios. A história deste objecto, relativamente recente (o caleidoscópio foi patenteado em 1817 pelo físico escocês Sir David Brewster, de resto autor de um *Treatise on New Philosophical Instruments*), continha a minha colecção dentro de limites cronológicos estreitos. Mas não tardei a encaminhar as minhas pesquisas para uma especialidade de antiquário bem mais ilustre e sugestiva: as máquinas catóptricas seiscentistas, caixinhas de diversos tipos em que uma figura se vê multiplicada com a variação da angulatura dos espelhos. A minha intenção é reconstruir o museu reunido pelo jesuíta Athanasius Kircher, autor de *Ars magna lucis et umbrae* (1646) e inventor do “teatro polidíptico” em que uns sessenta espelinhos que revestem o interior de uma grande caixa transformam um ramo numa floresta, um soldadinho de chumbo num exército, um livrinho numa biblioteca.

Os homens de negócios a quem antes das reuniões mostro a colecção, olham para estes aparelhos bizarros com um ar de curiosidade superficial. Não sabem que construí o meu império financeiro assente no mesmo princípio dos caleidoscópios e das máquinas catóptricas, multiplicando como num jogo de espelhos sociedades sem capitais, ampliando créditos, fazendo desaparecer passivos desastrosos nos ângulos mortos de perspectivas ilusórias. O meu segredo, o segredo das minhas ininterruptas vitórias financeiras numa época que assistiu a tantas crises e colapsos na bolsa e a bancarrotas, foi sempre este: nunca pensava directamente no dinheiro, nos negócios, nos lucros, mas só nos ângulos de refacção que se estabelecem entre lâminas brilhantes com inclinações diferentes.

É a minha imagem que quero multiplicar, mas não por narcisismo ou megalomania como facilmente se poderia acreditar: pelo contrário, é para ocultar no meio de tantos fantasmas ilusórios de mim próprio o verdadeiro eu que os move. Por isso, se não receasse ser mal entendido, não teria nada contra o reconstruir em minha casa a sala completamente forrada de espelhos conforme o projecto de Kircher, dentro da qual me veria caminhar no tecto de cabeça para baixo e voar para o alto desde as profundezas do soalho.

Estas páginas que estou a escrever deveriam também transmitir uma fria luminosidade de galeria de espelhos, onde um número limitado de figuras se refracta, inverte e multiplica. Se a minha figura parte em todas as direcções e se desdobra em todos os cantos, é para desencorajar os que pretendem perseguir-me. Sou um homem com muitos inimigos de quem tenho de andar sempre a fugir. Quando julgam apanhar-me, agarram apenas uma superfície de vidro na qual aparece e se escapa um reflexo entre os muitos da minha ubíqua presença. Sou também um homem que persegue os seus numerosos inimigos ameaçando-os e avançando sobre eles com falanges inexoráveis, cortando-lhes a saída para onde quer que se voltem. Num mundo catóptrico os inimigos até podem crer que estão a cercar-me por todos os lados, mas só eu conheço a disposição dos espelhos, e posso tornar-me inacessível, enquanto eles acabam por chocar e cair em cima uns dos outros.”